Um problema de nosologia histórica

CARLOS STUDART FILHO

A SIFILIS EXISTIA NA EUROPA ANTES DO DESCOBRIMENTO DA AMÉRICA ?

A determinação do país de origem da avariose é um dos muitos problemas de nosologia histórica que a argúcia dos cultores da História da Medicina não conseguiu ainda solucionar satisfatoriamente.

Para a maioria dos estudiosos nacionais e estrangeiros a velha tradição européa, segundo a qual seria a lues venérea originária do Novo Continente, deve ser aceita como a expressão de uma verdade irrefragável.

Para êles, o acaso teria feito com que, ao primeiro contacto entre ameríndios e europeus, o íncola transmitisse ao ádvena ousado que devassara o segredo dos mares êsse fator de tenebrosas desgraças sociais.

Disso resultou naturalmente, diziam, que, ao deixarem as ilhas cujo esplendor e cuja magnificéncia tanto os facinara, rumando ao Oriente, levassem os companheiros de Colombo para a Pátria, com as primícias da terra, o gérmen de uma entidade mórbida que iria em breve alastrar a península pirenaica, transmutando-a em novo foco irradiador do ignoto mal.

Da Ibéria a lues teria passado à França e à Itália, contagiando pobres e ricos, e daí, alargando-se como um polvo imenso, ter-se-ia espraiado por sôbre todo o mundo civilizado de então.

Em defesa desta tese, que teve durante muito tempo o valor de um verdadeiro dogma, argumentava-se

com o testemunho de escritores coevos dos primeiros tem pos do descobrimento, entre os quais sobressaem Rui Díaz de Isla, cirurgião espanhol, e o historiador Gonçalo Fernández d'Oviedo y Valdés, consagrado autor da "Crónica de las Indias", que foram os primeiros cronistas a afirmar ter o mal gálico nascido na América.

Que Colombo encontrara nas Antilhas a sífilis e a transportara para a Europa, parecia indicá-lo de modo insofismável o fato de só aparecerem na literatura médica referências claras à terrível enfermidade venérea depois de 1493, época do regresso das caravelas vitoriosas do genial piloto genovês. Que o mal era exótico demonstrava-o também a subitaneidade da irrupção, e fins do século XV, de uma epidemia de sífilis que teria flagelado quase todo o Velho Continente.

O testemunho histórico de Rui Díaz e de Gonçalo d'Oviedo seria, para os autores modernos que aceitam a proveniência extra-européa da avariose, corroborado ainda pelo silêncio que os escritores da antiguidade clássica guardam no tocante à enfermidade em aprêço, silêncio que, afirmam, contrasta com "as descrições positivas ainda hoje fiéis" feitas pelos que sôbre o mal escreveram depois do fim do século XV.

"A partir da data da volta de Colombo, escreve o professor Rabelo, um dos adeptos da chamada doutrina da sífilis americana, começam os médicos a descrever com impressionante unanimidade o *morbus non inauditus, ignotus* que, passando da América à Espanha, assolou a França e a Itália sob aspecto francamente epidémico, tal como ainda hoje vemos a sífilis se propagar em certas possessões européas de além-mar, ainda hodienes". (1)

---

(1) Cabe observar que o raciocínio do professor Rabelo é absolutamente arbitrário. Nele se perde de vista com efeito a possibilidade de existirem doenças largamente espalhadas sem notas que as distingam, tal como sucedeu, por exemplo, em relação à leishmaniose, que esteve, no Brasil, sem denominação própria até 1894 e inicialmente confundida com a sífilis.

"Tanto era desconhecida, conceitua ainda o ilustre dermatologista patrício, que lhe não sabiam o nome e foi sendo *mal espanhol, francês, napolitano* até que do poema de Fracastoro se derivou a atual denominação".

Para comprovar a procedência americana da avariose apontam-se, outrossim, a existência de certas alterações patológicas, tidas por sifilíticas, em ossos humanos provenientes da América pre-colombiana, bem como certas lesões destrutivas da face que aparecem figuradas em grande número de terracotas do Mexico e nas *huacas* peruvianas da época icásica.

Os argumentos que acabamos de resumir, tidos até bem pouco por irrecusáveis, nada valem, porém.

Os últimos trabalhos de Heusler, de Proksche, de Sudhoff e, sobre tudo, as sábias ponderações de Michaëlis, que a seguir iremos expor de modo rápido, demonstram a insubsistência desses argumentos.

Senão vejamos.

Os autores filiados à doutrina de Oviedo e de Rui Díaz assinalam, já o dissemos, como prova incontrastável da tese que defendem, a presença de lesões destrutivas, por êles atribuidas à sífilis, em ossadas humanas procedentes da América pre-colombiana.

A prova alegada é, porém, fraca e pode dizer-se mesmo inexistente. Nada indica que as alterações patológicas arguidas sejam realmente de natureza luética.

Importa notar, com efeito, que a paleopatologia, ciência que tem por programa o estudo e discriminação das lesões apresentadas por homens e animais prehistóricos e fósseis, constituíu-se recentemente. Os métodos de que dispunham os estudiosos até há bem pouco, para identificar os processos histopatológicos das peças esqueléticas, eram, portanto, demasiado imperfeitos para permitirem fosse firmado um diagnóstico retrospectivo de tal natureza.

Distinguir vestígios de sífilis em esqueletos antigos ultrapassava muito, assim, as possibilidades científica dos pesquisadores de ontem.

Ponhamos, porém, de parte o fato e admitamos, po instantes, contra a opinião sensata de Putman Hyde Johannes Orth e contra o parecer do grande Virchow (2 que as perdas de substâncias verificadas nos ossos ame ricanos doentes sejam realmente de fundo específic Daria isso ganho de causa aos partidários de Oviedo Rui Díaz? De nenhum modo. Ossos fósseis, inquina dos pelo treponema pálido, vão sendo amiúde identifica dos em todo o Velho Mundo. Assim, Júlio Barron e de pois dêle Gangolphe, para não citar senão o nome de doi sábios europeus, descobriram estigmas iniludíveis de s filis em ossos da época da rena.

A ser isso verdade, a data do aparecimento dess terrível praga social, na Europa, deveria ser recuada milhares de séculos.

Não é tudo. Aplicando ao estudo de várias peça fósseis, corrompidas por doenças, um processo especia de observação, processo racional e científico, Michaël reconheceu ultimamente, em três ossos oriundos de s pulturas neolíticas das lapas do Marne, lesões caracterí ticas da sífilis. Tal fato levou o cientista alemão a co cluir, em um dos seus últimos trabalhos, dado à public dade em 1932, que a sífilis é, na Europa, contemporân da idade da pedra polida.

O processo empregado por Michaëlis, semelhante a métodos usados em petrografia, consiste em fazer no os cortes histológicos tão delgados, que possam ser exan nados por transparência e, por conseqüência, permita descobrir lesões estruturais análogas àquelas que, r ossos frescos, são reputados tipicamente sifilíticas (3)

---

(2) Virchow teve em mão e *de visu* examinou os ossos ame canos doentes.

(3) "*Recherches microscopiques comparatives sur les os ...aine, recents, historiques et fossiles*".

Se as provas apontadas não bastassem para afirmar a grande antiguidade da sífilis no Velho Mundo, poderiamos argumentar ainda com os estudos ultimamente realizados por Pales, relativos à osteíte hipertrófica de Paget, que êle mostrou ser ali também de origem remotíssima.

As lesões destrutivas da face que figuram em algumas das antigas terracotas andinas e mexicanas não podem também servir para demonstrar que a sífilis proveio das terras descobertas por Colombo. Todos reconhecemos a importância das produções artísticas dos oleiros do México e do Perú, como fontes de informações para a história dos proto-americanos. E' inegável que, por intermédio dessas singelas obras de barro, chegaram até nós, fixados com notável fidelidade, muitos aspectos do viver dos povos do Novo Continente. No entretanto, o diagnóstico de lues, proposto para explicar as alterações orgânicas representadas em algumas delas, não se arrima absolutamente em bases sólidas.

Emitido por Wiener e aceito por Telo, Neumann e outros, tal parecer foi de há muito formalmente desabonado por Hallopeau e Fournier, dois dos mais notáveis sifilígrafos contemporâneos. Com efeito, a um exame detido dêsses singulares espécimes de vasos, ressalta, desde logo, a absoluta nitidez das lesões que maculam os rostos figurados e a inteira ausência de sinais deixados pelo gérmen da doença mutilante nas partes duras do nariz e da face. Ora, a sífilis, afecção que tem pelo tecido ósseo notável predileção, não pouparia, de certo, o arcabouço facial dos americanos de modo tão sistemático.

Arguir-se-á, talvez, que, por inhabilidade, o artista índio deixou de fixar tais minúcias. A impugnação, que é sutil, não procede. Os documentos comprobatórios da agudeza de observação e destreza técnica do ceramista americano são por demais abundantes e decisivos para permitirem tal suposição.

Mais razoavel é, pois, admitir-se que o oleiro indígena pretendeu reproduzir as terríveis devastações da

bouba, cuja existência é reconhecida no Novo Mundo desde tempos imemoriais. Eduardo Rabelo pôs em relêvo, em artigo ultimamente publicado (4), que muito antes da chegada de Colombo já estava disseminada no Perú, na Bolívia e mesmo no Paraguai essa terrível entidade mórbida.

As pesquisas do ilustre professor confirmaram apenas o que Ximenes de la Espada já anteriormente afirmara perante a Sociedade Antropológica de Berlim, ao dizer que certas *huacas* peruvianas reproduziam lesões da *uta*. A *uta*, doença indígena de suposta origem bacilar, é hoje identificada com a própria bouba ou *piã* brasileiro.

Há ainda outro fato que pode justificar as alterações verificadas nos rostos humanos: são as mutilações faciais que estiveram em larga voga na América ante-histórica. E' bem possível que o artesão americano tenha querido fixar na argila êsse bárbaro costume.

Segundo Jaguaribe, deformavam-se aqui, amputando-se-lhes os lábios e o nariz, os cunucos e os criminosos. Estes, para que ficassem definitivamente estigmatizados; aquêles, para que assim envilecidos não pudessem despertar paixões amorosas.

Como quer que seja, porém, a observação mostra que o agente causador das deformidades faciais figuradas, por vezes, na cerâmica da Novo Continente não pode ser a Sífilis.

O parecer do cirurgião Rui Díaz de Isla e a opinião de Gonçalo d'Oviedo, no tocante à origem da sífilis, são tidos pelos que sustentam a procedência extra-européa do mal gálico como argumentos de ordem histórica da mais alta importância.

Sem razão, todavia, pois tanto Oviedo como Día de Isla, seu contemporâneo, afirmam o fato de oitiva não comprovam com documentos os seus asserios, nem indicam as fontes onde se foram abeberar.

---

(4) "Anais Brasileiros de Dermatologia e Sifiligrafia".

Está solidamente firmado que nem o genial descobridor do Novo Mundo, nem seu filho Fernando, nem qualquer de entre seus companheiros de viagem de elevada categoria mencionou jamais, em suas memórias ou escritos, a existência de qualquer praga sexual na América (Stricker).

Dir-se-á, talvez, que êles assim agiram por pudor ou mesmo por conveniência. Não quereriam entibiar os navegadores, nem afastar das costas americanas os emigrantes que se sentissem inclinados a tentar a longa travessia do mar tenebroso.

Não nos cabe elucidar o fato. O certo é, porém, que, assim desamparados, os assertos dos dois velhos cronistas espanhóis não têm, nem podem ter o valor documental que lhes emprestam investigadores apressados.

Alguns autores, nomeadamente Rabelo, evocam ainda hoje, com muita insistência, um fato que lhes parece decisivo para solver o problema em controvérsia. E' a existência de uma horrível epidemia de sífilis que teria, em fins do seculo XV, flagelado o Mundo Antigo, "com todos os caracteres de violência e malignidade peculiar às epidemias que se desenvolvem em regiões ainda idenes do mal". E dão os mesmos autores, como causa determinante do flagelo, vírus recém-introduzido na Europa pelos navegantes das Índias Ocidentais.

Examinemos o alcance dessa prova.

A famigerada pandemia de sífilis, que, segundo alguns, assolou de modo tão subitáneo os povos da Europa ocidental, existiu realmente? Parece que não.

O Professor Karl Sudhoff, diretor do Instituto de História da Medicina na Universidade de Lípsia, nega o fato terminantemente e o faz apoiado no testemunho de Hierónimo Munzer, de Feldkirch, falecido em Nurembergue por volta de 1508 e no de Nicola Scillacio, doutor pela escola de Pávia. Ambos êsses personagens estiveram na Espanha nos agitados e trepidantes tempos que

se seguiram ao regresso de Colombo da sua viagem às Antilhas.

O primeiro, deixando a cidade natal no verão de 1494, atravessou a França para depois perlustrar cuidadosamente as cidades litoráneas e centrais da Península Ibérica. Esteve em Barcelona, Valéncia, Cádis, Granada, Málaga, Sevilha, etc., e foi mesmo até Lisboa e Coimbra, gastando cêrca de cinco meses nessa viagem de estudo.

Seguindo o hábito em voga das peregrinações científicas, Scillacio viajou também pela Espanha na primavera de 1495.

Eram ambos médicos eruditos e atilados, que cuidaram em consignar escrupulosamente tudo que viam e observavam.

Daí, o valor verdadeiramente notável dado por Sudhoff ao testemunho dos dois ilustres viajantes.

Ora, sabemos pelos seus escritos que nenhum deles logrou encontrar na península pirenaica qualquer vestigio da epidemia de sífilis a que se referem com tanta insisténcia os escritores contemporáneos.

Scillacio lobrigou apenas casos esporádicos do mal gálico em Barcelona, fato que comunicou em carta a um de seus colegas de Pávia (5).

Na Itália não há também memória de uma epidemia de natureza lués irrompida quando o fogoso filho de Luiz XI perlongava de torna-viagem as terras da península.

O siléncio do cronista Marino Sanuto, que, muitas vezes, percorreu o acampamento das tropas francesas antes e depois da tomada de Nápoles, não deixa subsistir dúvidas nesse particular.

---

(5) A carta do médico italiano, intitulada "*De morboque nuper et Gallia defluxit in alias nationes*", encerra uma série interessante de fatos por êle testemunhados e é o primeiro documento médico publicado sôbre a sífilis.

O mutismo dos escritores da antiguidade clássica e mesmo da Idade Média, com relação à existência de casos de sífilis na Europa, tem igualmente facil explicação.

E' que o mal, julgado pelo professor Rabelo e outros insubsistente no Velho Mundo, andava então confundido com várias moléstias produtoras de escamas e crostas. Era ora *scabies grossa* ou sarna grande, entre medicos da escola de Salermo, Montpellier e Paris: ora *lepra spuria*, lepra curável, ora simplesmente *buba*, sarna, ou ainda *variola grossa*, na Itália; *grosse vérole* e *gros mal*, em França.

Caso idéntico ocorreu no Brasil em relação à leishmaniose, que viveu até 1894 confundida com a sífilis, e ainda ocorre bem perto de nós com a lepra, que é conhecida nas Guianas pelo nome de *cabobé* e identificada com a elefantíase do escroto.

Aliás, o nome de lepra (de λεπρη, escama), tradução grega da palavra hebraica *zaraath*, serviu, conforme evidenciou Le Dantec, largo tempo para designar na Hélade a psoríasis, a sífilis, a lepra, etc.

Essa falta de distinção entre males tão diversos persistiu também, segundo o mesmo autor, entre os romanos e durou até a Idade Média.

Do que acabamos de expor pode-se, pois, concluir, logicamente, que muito antes da idade de ouro, que foi para Portugal e Espanha a época dos descobrimentos transatlânticos, já a sífilis era ubiquitária na Europa, aí vivendo sem designação especial, baralhada com várias outras enfermidades não menos repugnantes.

Quando melhor se aprendeu a conhecê-la e a distinguir o grupo de sintomas que lhe eram próprios, quando a lues venérea apareceu como uma entidade mórbida definida, seu nome variou de localidade para localidade.

Foi "*morbus gallicus*" ou "*mal franzoso*", na Itália; *mal de Napoles*, em França; "*mal gallico*", na Espanha;

moléstia alemã, na Polonia: *moléstia polaca*, na Rússia; *mal de Castela*, em Portugal: e *mal português*, no Oriente, sem que fosse possivel até hoje saber se onde primeiro a identificaram.

BIBLIOGRAFIA

L. Pales — "Maladie de Paget Préhistorique". L'Antropologie. Tomo XXXIX — 1929.

L. Pales — "Etat actuel de la Paleopathologie: contribution à l'étude de la pathologie comparative". Paris. 1930.

Dr. A. Rouillon — "Lesions osseuses préhistoriques de la Vendée" — Angers — 1925.

Gerhard Venzmer — "Uma molestia agonizante" — 1930

Prof. Ed. Rabelo — "Esboço historico da lepra no Brasil" — Anais Brasileiros de Dermatologia e Sifiligrafia. N.º 6 — Ano I.

Prof. Ed. Rabelo — "Contribuições ao estudo de Leishmaniose tegumentar no Brasil. Origens, historico, sinonimia". Anais Brasileiros de Dermatologia e Sifiligrafia — Ano I, n.º 1 — 1925

Prof. Ed. Rabelo — Existia sífilis no Brasil na epoca do descobrimento?" Idem, idem.

J. Vaesen — "L'Expedition de Charles VIII en Italie". Revue des Questions historiques.

L. Michaelis — "Pesquizas microscopicas comparadas em ossos humanos recentes, historicos e fosseis: contribuição para o estudo da historia da sífilis". Iena, 1930.

D. Jaguaribe — "A Atlantida".

Carlos França "Etnografia brasilica, segundo os escritores portugueses do seculo XVI". Revista de Historia. Ano XV — 1926

Karl Sudhofff—"La supuesta introduccion de la sífilis por la tripulacion de Colon, em 1493 y los hechos históricos". Investigacion y Progresso. Ano II, n.º 9 — 1929.

Dr. George Stricker — "Epidemias que los conquistodores blancos llevaron al Nuevo Mundo". Investigacion y Progresso. Ano V, n.º 2 — 1931.

A. Le Dantec — Précis de Pathologie Exotique. Paris. 1911.